



REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS

ISSN: 2237-6585

JUXTA MOREM OMNIBUS SANCTIS CONSUETUM: OS CRISTÃOS INSULARES NA VISÃO DE BEDA, O VENERÁVEL.

JUXTA MOREM OMNIBUS SANCTIS CONSUETUM: INSULAR CHRISTIANS IN THE BEDE'S THE VENERABLE VIEW.

Nathany Andrea Wagenheimer Belmaia¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir como o livro III de *Historia Ecclesiastica Gentes Anglorum* (ca. 731), escrito pelo monge Beda, o Venerável (673–735), descreve Aidan, Finan e Colman, monges dos mosteiros de Columba, em Iona, que migraram para o reino da Nortúmbria, na *Britannia* do século VII. Para isso, serão problematizados o autor, a fonte e as diferenças entre as frentes monásticas (a romana, de Beda, e a insular, que é a dos monges supracitados). O escopo teórico que ampara a análise são pressupostos correlatos aos da história transnacional, que explica a fluidez de processos, e o cristianismo enquanto elemento de conexão entre a *Britannia* e a Irlanda. Como resultado, observa-se que as descrições positivas e até apologéticas de Beda sobre monges pertencentes a cristianismos concorrentes pode ter se dado em função de processos transnacionais, nos quais cristianismos de locais distintos, como os da Irlanda ou de Iona, impactaram nas formas cristãs que se espraiavam pela *Britannia*, fazendo-os refletir sobre quais aspectos poderiam aproximar mais um clérigo da santidade.

PALAVRAS-CHAVE: NORTÚMBRIA; BRITANNIA; IRLANDA; CRISTIANISMOS.

ABSTRACT

This paper aims to discuss how book III of *Historia Ecclesiastica Gentes Anglorum* (ca. 731), written by the monk Bede the Venerable (673–735), describes Aidan, Finan and Colman, monks from the monasteries of Columba, in Iona, who migrated to the kingdom of Northumbria, in 7th century *Britannia*. The author, the source and the differences

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná; Professora Substituta da Universidade Estadual e Londrina; Pós-Doutoranda em História pela Universidade Federal do Paraná; Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estudos Mediterrânicos da UFPR.

between the monastic fronts (the Roman, by Bede, and the insular, which is that of the aforementioned monks) will be problematized. The theoretical scope that supports the analysis are related to those of transnational history, which explains the fluidity of processes, and christianity as an element of connection between *Britannia* and Ireland. As a result, it is observed that Bede's positive and even apologetic descriptions about monks belonging to competing christianities may have been due to transnational processes, in which christianities from different places, such as Ireland or Iona, impacted the christian forms that spread throughout *Britannia*, making them reflect on what aspects could bring a cleric closer to sainthood.

KEYWORDS: NORTHUMBRIA; *BRITANNIA*; IRELAND; CHRISTIANITIES.

Introdução.

No Ocidente europeu do século VII, cristianismos com práticas distintas travavam disputas e engendravam trocas entre si. A cristianização da *Britannia*² desse período foi marcada pelos conflitos dos monges romanos com os de Iona. Os principais clérigos dessa localidade adentraram o solo britânico a convite dos reis Oswald (604–642) e Oswiu (612–670), que retomaram o poder no reino da Nortúmbria, na *Britannia*, apoiados por reinos que os receberam em seus domínios quando exilados por Edwin (586–633).

Após a morte do rei Æthelfrith em uma batalha contra o rei Rædwald, da Ânglia Oriental, Edwin assumiu o poder na Nortúmbria. Isso fez com que Oswald e Oswiu, filhos do rei Æthelfrith, com aproximadamente doze e quatro anos, fossem exilados no reino de Dál Riata, no norte da *Britannia*. Supõe-se que Oswald e Oswiu também tenham passado um tempo na Irlanda, local onde se familiarizaram com a língua e com a cultura. Segundo Kirby³ há indícios de que Oswald possa ter lutado apoiando Uí Néill nas disputas com os reis de Ulaid⁴.

Enquanto Rædwald viveu, Edwin esteve submetido a ele. Isso implicava na união da Bernícia e de Deira, que formaram a Nortúmbria, com outros reinos que reconheciam os direitos da soberania de Rædwald⁵. Na prática, em troca do apoio militar para que Edwin recuperasse o trono, Rædwald expandiu o seu território. Em contrapartida, Edwin

² As localidades da *Britannia* mencionadas ao longo do texto estão indicadas em um mapa ao final deste trabalho.

³ KIRBY, D. P. *The Earliest English Kings*. New York: Routledge, 1991, 2000, p. 73.

⁴ BEDA, Venerabilis. *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*. Carolus Plummer, A.M. Collegii Corporis Christi Socius et Capellanus. Oxonii: E Thypographeo Clarendoniano, 1896, III, I.

⁵ KIRBY, D. P. *op. cit.*, p. 53.

se tornou soberano tanto na Nortúmbria quanto na Ânglia Oriental após a morte de Rædwald⁶.

Em *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*, escrita pelo monge Beda, o Venerável (673–735), a principal fonte britânica sobre esse período, a narrativa da cristianização de Edwin é uma das mais extensas no livro II, capítulos IX-XIII, descrevendo visões, promessas de conversão em troca de vitória em batalhas, debates com um conselho sobre as possíveis vantagens da adoção de uma nova crença e outras⁷. Beda deixa claro em sua obra que pertence e é partidário do cristianismo romano. Edwin não impulsionou o cristianismo na Nortúmbria. Mas, na narrativa de Beda, a forma como Edwin foi cristianizado ganhou destaque em função da relação com Paulino, um dos membros da comitiva romana dos monges liderados por Agostinho.

Apesar de os reis Oswald e Oswiu, cristianizados pelos missionários de Columba⁸ de Iona (521–597), não terem tido um tratamento similar em *Historia Ecclesiastica*, depreende-se que o maior responsável pela cristianização da Nortúmbria foi, principalmente, o rei Oswald, por meio do cristianismo de Iona. Não por acaso, mesmo favorecendo uma frente cristã não romana, na narrativa de Beda, são as relíquias do rei Oswald que estão associadas a milagres, não as de Edwin.

Penda da Mércia (626–655), por meio de uma aliança com Cædwalla ap Cadfan de Gwynedd (*m. ca.* 634), conseguiu derrotar Edwin na batalha de Hatfield Chase, no ano de 633. A coroa da Bernícia passou para Eanfrith, filho do rei anterior (Æthelfrith), e a de Deira, para o primo de Edwin, Osric. Em um ano, ambos os reis foram derrotados por Cædwalla de Gwynedd (625–634). Devido ao pouco tempo no poder, Beda afirmou que foi decidido não colocá-los na lista de reis oficiais. Assim, o sucessor de Edwin foi

⁶ THACKER, Alan. England in the seventh century. In: FOURACRE, P. The New Cambridge Medieval History. Cambridge: University Press, 2005, p. 488.

⁷ KENDALL, Calvin B. *Modeling Conversion: Bede's "Anti-Constantinian" Narrative of the Conversion of King Edwin*. In: KENDALL, Calvin B. et al. (eds.), *Conversion to Christianity from Late Antiquity to the Modern Age*. Minneapolis: Center for Early Modern History, 2009, p. 140.

⁸ Columba, também conhecido como *Colm Cille* ou *Columcille*, traduzido livremente como “a pomba da igreja”, foi um missionário conhecido por construir uma vasta rede de mosteiros a partir da Ilha de Iona, cristianizando, sobretudo, territórios da atual Escócia. Estima-se que Columba tenha nascido entre o ano de 520 e 522 na Irlanda. Ele foi um príncipe sucessor da Casa O’Neill, descendente do antigo Alto Reinado da Irlanda, O’Neill, também grafados Uí Neill ou Uí Niall do Norte. É consenso de que Columba tenha terminado seus dias exilado na ilha de Iona (dentro do reino de Dál Riata), devido, sobretudo, à disputas dinásticas. A partir desse local, ele desenvolveu um importante centro monástico, de aprendizado e de difusão cristã BROWN, P. *The Rise of Western Christendom: Triumph and Diversity*, A. D. 200-1000. Tenth Anniversary Revised Edition. Oxford: John Wiley & Son, 2013, p. 471.

Oswald, que governou de 634 a 642, já considerado rei da Nortúmbria (de Deira e da Bernícia) após derrotar Cædwalla de Gwynedd próximo de Hexham⁹.

Durante o exílio, Oswald (634–642) e o seu sucessor, Oswiu (642–670), se converteram ao cristianismo da rede de mosteiros de Columba (521–597). Então, embora Edwin já tivesse adotado essa fé, foi Oswald quem, de fato, trouxe os monges para a *Britannia*. Segundo Ziegler (2001), Oswald requisitou à Iona um bispo, o que indicaria que ele aspirava confrontar a autoridade dos clérigos da igreja romana instalados em Canterbury, York e na Ânglia Oriental desde a chegada da missão romana em 591. Para Grimmer¹⁰, tendo sido educado na igreja de Columba de Iona, o rei Oswald teria claramente favorecido a tradição do território que o acolhera. Kirby¹¹ sugere que as aberturas de Oswald à Iona também refletem uma dependência do apoio militar de Dál Riata, ao passo que Higham¹² aponta que a adoção desse cristianismo (com diferenças em relação ao romano, o que será objeto da próxima seção) foi uma estratégia política destinada a auxiliar a reconstrução da dinastia que havia sido exilada. Além disso, Higham aponta que escolher essa tradição tinha o bônus de continuar com o deus de Edwin, acrescido do apoio militar de Iona e Dál Riata, algo que Canterbury não poderia igualar. Contudo, mudanças no cenário político e o cessamento desse apoio, aliado às disputas religiosas entre o cristianismo romano e os de Iona, levaram o irmão e sucessor de Oswald, o rei Oswiu, a mudar a estratégia e iniciar um apoio da frente romana no lugar do cristianismo de Iona.

Assim, em 664, na abadia de Whitby, ocorreu um sínodo decisivo com relação aos cristãos de Iona e os cristãos da vertente romana no reino da Nortúmbria. As consequências do Sínodo de Whitby extrapolaram o intuito inicial dessa convocação, que era o de estabelecer uma data única para a celebração da Páscoa, realizada em datas diferentes entre ambos os cristianismos. O rei Oswiu, que proferiu o decreto final da ocasião, legitimou os clérigos da igreja romana na *Britannia* como os responsáveis pela cristianização dos locais onde ele exercia soberania, e substituiu vários monges insulares (que não aceitaram essa normativa) por clérigos que seguiam os cristãos romanos. Logo,

⁹ BEDA, Venerabilis, *op. cit.*, III, I; HIGHAM, N. J., RYAN, M. J. *The Anglo-Saxon world*. New Heaven e London: Yale University Press, 2013, p. 115.

¹⁰ GRIMMER, Martin. The Exogamous Marriages of Oswiu of Northumbria. *The Heroic Age*. A Journal of Early Medieval Northwestern Europe. Issue 9, 2006 (*online*, n.p.). Disponível em: <<https://www.heroicage.org/issues/9/grimmer.html>>. Acesso em outubro de 2023. s.p.

¹¹ KIRBY, *op. cit.*, p.89.

¹² HIGHAM, N. J. *The kingdom of Northumbria: AD 350-1100*. Dover, NH: A. Sutton, 1993; 1997, p. 210.

esse momento marcou o fim da transferência de cristãos insulares para a Nortúmbria e o retorno de alguns monges para o seu local de origem, a ilha de Iona.

A despeito do desfecho da disputa entre ambas as frentes, os monges de Iona encabeçaram o cristianismo no reino da Nortúmbria por vários anos. Aidan foi bispo por dezessete anos, Finan por dez e Colman por três¹³. Ademais, não obstante o partidarismo romano do autor, *Historia Ecclesiastica* descreve os monges de Iona de forma positiva e apologética. Mesmo a celebração da data da Páscoa na data incorreta, segundo a concepção romana, é justificada por Beda (*HE*, III, XV) como um erro em função da ignorância de Columba não conhecer a normativa “perfeita¹⁴”. Além dessa passagem, em outras ele demonstra admiração e respeito, elogiando aspectos da martirização do próprio corpo, disciplina, amor e caridade dos monges de Iona.

Assim, o objetivo deste trabalho é discutir aspectos gerais de como o livro III de *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum* descreve os três monges de Iona que se tornaram bispos de Lindisfarne, na Nortúmbria do século VII, os quais são Aidan (590–651), Finan (*m. c.* 661) e Colman (605–675).

Ao se voltar para passados mais longínquos, como aqueles pertencentes à História Antiga, Tardo-Antiga e Medieval, é frequente a utilização de teorias e conceitos criados para analisar outros períodos históricos, com adaptações para os contextos analisados. Alguns termos apresentam maior ou menor potencial de anacronismo ao serem utilizados fora dos contextos a que foram associados. Neste trabalho, será feita uma tentativa de relacionar as descrições que denotam a admiração de Beda acerca dos missionários de Iona com alguns pressupostos de conectividade entre locais geograficamente localizados, como os da História Transnacional, sem considerá-la de forma integral.

O surgimento da abordagem transnacional remete à publicação de *American Exceptionalism in an Age of International History*, do historiador Ian Tyrrell, em 1991. Nesse artigo, o autor critica a abordagem tradicional nacionalista da história dos Estados Unidos (a qual, por vezes, ignorava influências externas) e propõe uma perspectiva mais ampla que transcende os Estados-nação. Evidentemente, no âmbito da história da

¹³ BEDA, *op. cit.*, III, XXVI.

¹⁴ A partir do original “Neque illis multum obesse reor talem paschae obseruantiam, quamdiu nullus aduenerat, qui eis instituti perfectioris decreta, quae sequerentur, ostenderet” (BEDA, *op. cit.*, III, XXV), com tradução livre “Nem creio que tal observância da Páscoa fosse muito desvantajosa para eles, enquanto ninguém viesse mostrar-lhes os decretos de uma instituição mais perfeita que deveriam ser seguidos” em relação à Páscoa.

Britannia do século VII, não se pode falar da existência de um Estado-nação, que se consolidou principalmente entre os séculos XVIII e XIX. Entretanto, a ideia de conexões entre locais pode ser útil para visualizar os processos históricos desse período.

Tyrrell¹⁵ analisa as interconexões entre diferentes países e culturas. Dessa forma, o transnacionalismo envolveria a circulação de pessoas, ideias, bens, culturas e práticas sociais entre diferentes países, criando redes que não são limitadas por fronteiras políticas. Contudo, ressalta-se que a história transnacional não é, necessariamente, uma novidade, mas remonta a uma longa tradição de trabalhos preocupados em traçar fluxos e trocas para além das fronteiras.

Segundo Conrad¹⁶, as perspectivas transnacional e global são próximas, pois ambas procuram superar análises de caráter internalista. Enquanto os estudos com escopo global abrangem escalas maiores, como impérios e civilizações inteiras, a história transnacional se concentra em fenômenos que são geograficamente mais delimitados, ressaltando as dimensões fluidas e interligadas. Assim, a história transnacional se concentraria especialmente no papel da mobilidade, da conexão, da circulação e das transferências. A partir dessa premissa, este trabalho tentará demonstrar que um elemento conectava a *Britannia*, Iona e a Irlanda: o cristianismo monástico.

Para isso, serão primeiramente problematizados aspectos relacionados com Beda e a obra *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*, demonstrando que o autor era um fervoroso defensor do cristianismo romano, do qual o cristianismo de Iona era concorrente. A seguir, serão abordadas algumas das principais diferenças entre ambas as vertentes monásticas. Por fim, será discutido como o livro III de História Eclesiástica do Povo Inglês descreveu os bispos de Lindisfarne Aidan, Finan e Colman.

Beda, o Venerável, e a cristianização da Nortúmbria.

Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum é a principal fonte sobre a história dos ingleses. Essa obra foi escrita pelo monge conhecido como Beda, o Venerável, ao longo de sua vida até 731, o ano de sua morte, registrando o que ele considerou serem os principais fatos relacionados com a cristianização da *Britannia*. A compilação de fontes anteriores e o registro do que o autor considerava ser relevante no período no qual viveu evidenciam que a obra tinha como objetivo legitimar o cristianismo como a principal

¹⁵ TYRRELL, I. American Exceptionalism in an Age of International History. *The American Historical Review*, vol. 96, no. 4, p. 1031–55, 1991.

¹⁶ CONRAD, Sebastian. *What is Global History?* Princeton: University Press, 2016, p.44-45.

diretriz espiritual na *Britannia*. Contudo, isso não excluiu extensos relatos do mundo secular, sobretudo em relação aos reis e reinos cristianizados.

Tudo que se sabe sobre o monge Beda consta em um texto autobiográfico no último capítulo de *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. Afirma-se que ele foi entregue ao abade de Wearmouth com apenas sete anos, local onde cresceu e se tornou dirigente, junto com o mosteiro de Jarrow, até 735, o ano de sua morte¹⁷.

Beda se tornou popular graças ao reconhecimento da importância de seus vários estudos, que totalizam quase sessenta livros, sobre métrica, gramática, música, cronologia, astronomia, calendário, teologia, comentários bíblicos, homilias, exegese, cálculos e outros. Uma das obras mais conhecidas é *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*, uma das principais fontes sobre a cristianização da *Britannia* do século VII, dedicada a Ceolwulf (rei da Nortúmbria de 729 a 737). Em cerca de quatrocentas páginas divididas em cinco livros, o autor tenta traçar a história do cristianismo na *Britannia* desde o tempo de Júlio César até 731, ano de sua conclusão, quatro anos antes do falecimento do monge¹⁸.

As narrativas do período anterior à missão de Agostinho foram compiladas a partir de outros escritores, como Plínio, o Velho, Solino, Paulo Osório e Gildas. Possivelmente, ele também teve acesso a trabalhos do período no qual viveu, como *Vita Sancti Wifhriti*, de Eddius Stephanus, e a obra anônima da vida de Gregório, o Grande¹⁹. Além disso, no prefácio de *Historia Ecclesiastica*, Beda menciona que adquiriu as informações da obra em documentos, cartas originais, relatos orais e testemunhos. De acordo com Stenton²⁰, *Historia Ecclesiastica* não é uma fonte primária, e se aproximaria da historiografia devido à coordenação que o autor fez de fragmentos, de informações da tradição oral, correspondências, obras anteriores e outras evidências.

Segundo Watson²¹, Beda foi um compilador e um historiador em função das escolhas que fez entre os materiais, por meio dos quais criou uma narrativa coesa de como os diferentes grupos que se estabeleceram na *Britannia* formaram uma única *Gens*

¹⁷ FARMER, D. H. Introduction. *The Age of Bede: Bede – Life of Cuthbert, Eddius Stephanus – Life of Wilfrid, Bede – Lives of the Abbots of Wearmouth and Jarrow, The Anonymous History of Abbot Ceolfrith with the Voyage of St Brendan*. London: Penguin Books, 1991, p.12; BLAIR, Peter Hunter. *The World of Bede*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p.187.

¹⁸ FARMER, *op. cit.*, p.21.

¹⁹ FARMER, *op. cit.*, p.25.

²⁰ STENTON, F. M. *Anglo-Saxon England*. Oxford: Oxford University Press, 1971, p.187.

²¹ WATSON, E. W. The Age of Bede. In: THOMPSON, A. HAMILTON. *Bede His Life, Times, and Writings*. Reino Unido: Oxford University Press, 1988, p.58.

Anglorum. Diferentemente do registro de Gildas (ca. 500–570), monge britânico conhecido pela obra *De Excidio et Conquestu Britanniae*, que narra a história do flagelo dos britânicos pecadores antes e durante a vinda dos saxões, Beda registra a história de um “novo povo” unido pelo cristianismo “católico”, ou seja, dirigido por uma frente romana, e não por outras vertentes cristãs. O amálgama da narrativa, evidentemente, é baseado (e, muitas vezes, justificado) por questões de fé, relacionando descrições de fenômenos divinos ou “sobrenaturais” com registros historiográficos perpassados por filtros cristãos.

Segundo Momigliano²², nenhum historiador eclesiástico conseguiu se concentrar exclusivamente nas questões eclesiásticas. Na Antiguidade e na Idade Média, os poderes religiosos e políticos eram, comumente, exercidos conjuntamente. Assim, milagres, visões e acontecimentos relacionados com o cristianismo são narrados junto com feitos militares, costumes, acontecimentos e contatos entre povos circundantes. Assim, Beda citou, também, quem eram os povos vizinhos da região, de onde vieram ou por quanto tempo, possivelmente, estiveram na Ilha. Isso significava que, apesar de o título da obra estar no singular (História Eclesiástica do Povo Inglês), Beda contemplou vários povos, em um mundo interativo de gentes²³. Por conseguinte, a partir da obra, pode-se distinguir várias vertentes cristãs, sendo a de Iona de uma expressão notória por destacar a presença de monges com práticas diferentes das do cristianismo romano. Mesmo que eles não seguissem a normativa romana, que era a filiação do autor de *Historia Ecclesiastica*, Beda concebeu uma imagem positiva e de admiração desses cristãos insulares. Na maior parte das vezes, Beda elogiou ou até justificou práticas contrárias às da igreja romana, alegando o desconhecimento “da verdade” (da igreja romana), como no caso de Aidan. Evidentemente, também existem críticas e nomes que o autor demonstra menor admiração.

Dada a diversidade, as várias frentes cristãs na Irlanda e na *Britannia* tinham um amplo espectro de costumes e doutrinas. Essas doutrinas formavam aquilo que Brown²⁴ chamou de “microcristandades”, com identidades e práticas singulares, sem relações de

²² MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004, p.199.

²³ NECKEL, K. J. *Situações de Outridade: a participação do Outro na formação dos povos Ingleses (731 – 899)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2021, p.19-22.

²⁴ BROWN, P. *The Rise of Western Christendom: Triumph and Diversity, A. D. 200-1000*. Tenth Anniversary Revised Edition. Oxford: John Wiley & Son, 2013, p.494.

submissão às normativas e processos decisórios de outras igrejas cristãs. Do que se depreende a partir da obra de Beda, de modo geral, as principais diferenças dos cristãos irlandeses e os de Iona estavam no rigor da disciplina ascética e na centralização monástica (com federações transmitidas hereditariamente, relacionadas a um santo ou santa fundadora). Dessa maneira, é possível notar pelo menos três centros de poderes cristãos na Irlanda que disputavam espaços e hegemonias na Irlanda e na *Britannia*: em Armagh, os mosteiros de São Patrício; em Kildare, os mosteiros de Santa Brígida; e, em Iona, os de São Columba²⁵. Conforme mencionado anteriormente, os clérigos de Iona foram importantes nomes na cristianização da Nortúmbria do século VII. Assim, a análise de como eles são representados é relevante por se tratar de um cristianismo concorrente da vertente romana. Na seção a seguir, será tratado como Beda representou Aidan (590–651), Finan (*m. ca.* 661) e Colman (605–675), os três monges de Iona que se tornaram bispos de Lindisfarne, no reino da Nortúmbria, no livro III de *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*.

Contrastes entre o cristianismo insular e o cristianismo romano.

Mais que similaridades, o que se destacava eram as diferenças entre os cristianismos romano e insular na *Britannia* do século VII. A forma monástica desenvolvida por Columba, em Iona, apresentou traços identitários próprios, divergindo em vários aspectos da normativa da igreja romana, que encabeçava o cristianismo instalado no Sul da *Britannia*, após a chegada da missão de Agostinho no ano de 597. Os missionários romanos não compreendiam a missa dos clérigos insulares ou o funcionamento de sua sede monástica, que era regida por regras diferentes²⁶.

De modo geral, as regras monásticas são um conjunto de normas que orienta a vida dos monges ou monjas em um mosteiro. Essas regras determinam a rotina diária, incluindo momentos de oração, trabalho, estudo e silêncio, além de princípios de conduta e de disciplina espiritual. A Regra de São Bento, que é um conjunto de normas escritas pelo monge Bento da Núrsia (480–547), era bastante difundida no continente. Na Irlanda, havia uma variedade de regras. As *Vitae Sanctorum* e os Anais existentes atribuem aos próprios santos fundadores as leis e as regras do período. Algumas regras, inclusive,

²⁵ BRAY, Dorothy. Celtic Spirituality: Its Origins and Interpretations. *Churchman*. Vol 114.3, 2000, p.253. Disponível em: <https://biblicalstudies.org.uk/pdf/churchman/114-03_250.pdf>. Acesso em: outubro de 2023.

²⁶ BRAY, *op. cit.*, p.252.

foram compostas também em verso, e não correspondem ao que, atualmente, se entende por uma regra monástica²⁷, como a Regra de Comgall, associada a Comgall de Bangor, fundador do mosteiro irlandês de Bangor no século VII, ou a Regra de Lismore, atribuída a Mo Chutu mac Fínaill (*m. ca.* 639).

A tonsura (corte de cabelo específico que marca a iniciação religiosa) era feita pelos mosteiros de Columba, desenhando uma linha frontal na cabeça, cortando os cabelos de orelha a orelha. Os romanos, por sua vez, cortavam os cabelos do topo da cabeça para remeter à coroa de Cristo²⁸. Outro aspecto que distinguia os mosteiros irlandeses e insulares dos romanos era a disciplina. Beda reportou, por exemplo, nobres ingleses que viajaram para a Irlanda para prosseguir os estudos religiosos ou levar uma vida de disciplina mais rigorosa.

Havia também questões em relação à língua latina. O latim utilizado na Irlanda era quase irreconhecível para os eclesiásticos continentais do século VII, pois o latim falado divergia da norma escrita com usos de jargões populares. A difusão de uma retórica formal do latim persistiu, acompanhada do surgimento de dialetos regionais distintos. A distância entre o escrito e o falado “tornou-se mais pronunciada à medida que esses dialetos latinos vulgares evoluíram para as línguas românicas, utilizadas até mesmo como expressão de identidade por algumas culturas populares germânicas”²⁹.

Outra singularidade dos mosteiros irlandeses era a fundação dos mosteiros “duplos”, divididos entre femininos e masculinos. Diferentemente dos mosteiros romanos, mulheres eram aceitas, desde que estivessem separadas dos homens. Na Irlanda, Brígida, canonizada como santa, fundou vários mosteiros na região de Kildare no século V³⁰. Na *Britannia* do século VII, vários mosteiros eram construídos em versão feminina e masculina, sendo um dos mais renomados o de Whitby, local onde Aidan nomeou como abadessa Hilda, filha do rei Oswiu³¹. Inclusive, esse local foi o palco do desfecho da diferença na data da Páscoa entre cristãos romanos e insulares, que foi uma das questões

²⁷ BOULHOSA, T. M. *De santos e viagens: a construção comparada do conceito de santidade nas biografias de São Columba e São Columbanus*. 2009. 186 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009, p.47.

²⁸ COUVILLON, Carrie. *Monasticism in Anglo-Saxon England: an analysis of selected hagiography from Nortúmbria written in the years after the Council of Whitby*. Dissertação (Mestrado). Graduate Faculty of the Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Louisiana, 2005, p.25-26.

²⁹ BELMAIA, N. A. W. *Monaquismo(s): romano, insular e a definição da Páscoa no Sínodo de Whitby no século VII*. *Brathair*, 18(1), 2018, p.136.

³⁰ BRAY, *op. cit.*, p.258.

³¹ BROWN, *op. cit.*, p. 52.

que mais inquietaram os cristãos da *Britannia* do século VII. A diferença na datação romana e insular poderia chegar a um mês. Isso poderia afetar “o tempo de batismos em massa dos recém-convertidos [que eram realizados nesse período] e perturbava os ritmos da corte real, onde era esperado um rei guerreiro para mostrar a sua face cristã mais exuberantemente na festa da Páscoa”³². No bispado de Aidan, que saiu de Iona e começou a dirigir o monastério de Lindisfarne, duas comemorações da Páscoa eram consideradas igualmente válidas. Beda (*HE*, II, XX) narra que, enquanto a rainha Eanfled (segunda esposa do rei Oswiu) seguia a datação romana, conforme a cristianização que recebera em Kent, no Sul da *Britannia*, o rei seguia a data ditada por Iona. Assim, aconteceu de o rei já ter celebrado a Páscoa, enquanto a rainha e seu séquito ainda estavam em jejum no Domingo de Ramos³³. Esse exemplo remete ao que Tyrrell³⁴ designa transnacionalismo, já que a circulação de pessoas e, nesse caso, clérigos que assumiram cargos religiosos importantes em outros locais que não os seus de origem, transportaram consigo ideais religiosos que impactaram nos novos locais em que se estabeleceram. Isso, além de instalar práticas cristãs distintas na Nortúmbria, fez com que a *Britannia* do século VII passasse a fazer parte de uma rede de monastérios desenvolvidos na ilha de Iona e na Irlanda, sendo, portanto, um processo de cristianismo transnacional.

Além das diferenças já mencionadas, alguns irlandeses e insulares preferiam celebrar a missa em grego no lugar do latim. Existiam conflitos até mesmo sobre quais dedos um sacerdote deveria levantar na bênção da Santíssima Trindade.

A confissão também era diferente. Os irlandeses elegiam um “amigo espiritual” (do termo *amnchara*) para realizar a confissão, pois, para eles, estando em jogo a salvação de suas almas, era preciso confiança no confessor, enquanto, para os cristãos romanos, não existia tal exclusividade por parte dos fiéis. Entre outras diferenças, pode-se citar também a devoção e obediência ao Papa, que era o bispo de Roma. Essa figura era distante para os cristãos de Iona, sobretudo porque se tratava de uma localidade que estava, de certo modo, reinventando o seu próprio cristianismo. Isso significava que, nesse período, não existia uma hierarquia dos cristãos insulares para com Roma e obrigação de obediência³⁵.

³² BROWN, *op. cit.*, p. 361.

³³ BELMAIA, *op. cit.*, p.136.

³⁴ TYRRELL, *op.cit.*

³⁵ BOULHOSA, *op.cit.* p.47; 100-102.

De modo geral, os cristãos insulares desenvolviam os seus próprios tratados e interpretações escriturais, que originaram, por conseguinte, uma série de conflitos doutrinários e de práticas, a partir da difusão não apenas da missão de Agostinho no final do século VI na *Britannia*, como também quando esses cristãos iam para o continente, caso de Columbano, um dos discípulos de Columba de Iona. Esse clérigo enviou várias cartas para o Papa Gregório, o bispo de Roma, a fim de debater a questão da datação da Páscoa, nas quais se pode entrever o desconforto e o assédio a que ele foi submetido por outros que o pressionavam a adotar a datação romana³⁶ (BELMAIA, 2018).

Por meio dessas breves asserções, é possível notar algumas diferenças entre ambos os cristianismos, de vertente romana e os insulares, sobretudo em sua forma monástica. Apesar dessas diferenças e do claro partidário romano defendido por Beda, a próxima seção abordará como o livro III de História Eclesiástica fornece uma perspectiva majoritariamente positiva acerca dos três bispos de Iona em Lindisfarne.

Os insulares em *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*.

Há várias descrições de Beda sobre as devoções exacerbadas de clérigos de vertentes não romanas. Nessas narrativas, é notória a admiração do autor pelas práticas dos cristãos irlandeses e insulares e um ideário de que, quanto maiores eram os sacrifícios e as penitências³⁷, mais próximos estavam da pureza e da santidade. Esse tipo de concepção pode justificar o tom apologético e de admiração que Beda transmite quando narra os rigores disciplinares desses outros cristãos.

Beda³⁸ menciona que Adaman, um irlandês que vivia na *Britannia*, levava uma vida de continência extrema. É narrado que, certa vez, ao procurar um sacerdote para se redimir de um pecado que cometera na juventude, foi aconselhado a fazer um jejum de dois ou três dias até que o padre voltasse de viagem. Segundo Beda, mesmo que o retorno nunca fosse ocorrer devido à morte do sacerdote, ele continuou realizando a penitência: se alimentava apenas nos domingos e nas quintas-feiras e dedicava noites inteiras a vigílias e orações. Beda narra essa perseverança como algo positivo, tal como fez com outros, ao longo da obra, como o caso de Aidan.

³⁶ BELMAIA, *op. cit.*, p.136.

³⁷ Há indícios de uso das penitências na Gália do século VI, na Itália do século VIII e na Espanha visigótica do século IX, não sendo, portanto, uma exclusividade irlandesa. WOODS, V. E. Whitby, Wilfrid, and Church-State Antagonism in Early Medieval Britain. Dawson Institute of Church-State Studies. Faculty of Baylor University, Master of Arts, 2009, p.109.

³⁸ BEDA, *op. cit.*, IV, XXV.

Aidan é conhecido por difundir o cristianismo na Nortúmbria do século VII. De acordo com o capítulo V do livro III de *Historia Ecclesiastica*, quando Oswald requisitou um religioso para a Nortúmbria, primeiramente, foi enviado um bispo de “ânimo austero” (*austerioris animi vir*). Após a breve estadia desse último, Aidan foi enviado. Beda conta que esse último julgou o antecessor muito rigoroso com os “ouvintes indoutos” (*indoctis auditoribus*³⁹) da Ilha, afirmando ser preciso “alimentá-los suavemente” até que pudessem receber as “perfeições dos preceitos de Deus⁴⁰”. Ao longo das asserções, a imagem que Beda constrói de Aidan era a de um asceta exemplar, ponderado e justo. Em vários trechos, *Historia Ecclesiastica* enaltece as qualidades desse monge, demonstrando admiração, sobretudo com relação aos rigores ascéticos e à caridade. Ainda no capítulo V do livro III, é mencionado que Aidan se alegrava em doar aos pobres tudo o que recebia de reis ou de poderosos: todos os presentes eram destinados à caridade ou para a redenção daqueles que haviam sido injustamente vendidos (*qui injuste fuerant venditi*), referindo-se à compra e libertação de escravos, cujo comércio era comum no período.

A escolha de Aidan da ilha de Lindisfarne para a sede monástica na Nortúmbria condizia com os ideais do ascetismo de se recolher em locais ermos. De acordo com Woods⁴¹, a falta de caminhos até lá durante a maré alta poderia remeter à solidão dos primeiros monges no Egito, ainda que, segundo Beda⁴², a ilha fosse um local de fácil acesso na maré baixa. Isso também seria um elemento que remeteria a processos transnacionais, nos quais ideias idílicas de um suposto passado cristão dos primeiros monges no Egito impactariam na escolha de novos locais de assentamento cristão e, por conseguinte, na própria forma de organização monástica que era formada.

Para além disso, de Lindisfarne se avistava o porto de Bamburgh, local da residência real. De modo que, o que pode ter motivado a escolha é ser um lugar afastado, mas com facilidade de comunicação com os patronos reais. Isso seria útil tanto para monges cenobitas, que habitavam em comunidades monásticas, quanto para anacoretas,

³⁹ Essa passagem também pode ser traduzida livremente por pessoas “ignorantes”, ou, que não têm erudição, a partir do original: Trecho Do original em Latim: “Uidetur mihi, frater, quia durior iusto indoctis auditoribus fuisti, et non eis iuxta apostolicam disciplinam primo lac doctrinae mollioris porrexisti, donec paulatim enutriti uerbo Dei, ad capienda perfectiora, et ad facienda sublimiora Dei praecepta sufficerent” (BEDA, *op. cit.*, III, XXV)

⁴⁰ Original em Latim: “[...] donec paulatim enutriti uerbo Dei ad capienda perfectiora, et ad facienda sublimiora Dei praecepta, sufficerent” (BEDA, *op. cit.*, III, V).

⁴¹ WOODS, *op. cit.*, p.133.

⁴² BEDA, *op. cit.*, III, III.

que se deslocavam em missões⁴³. Mesmo que um bispado tivesse como pressuposto a permanência na sede, Aidan e outros cristãos insulares eram missionários itinerantes.

Há vários excertos que remetem a uma relação próxima de Aidan com o rei Oswald. Dentre os relatos das viagens para a Nortúmbria, houve, inclusive, uma menção de que Aidan celebrou uma Páscoa em Bamburgh com o rei. Durante o período no exílio, Oswald versou-se nas línguas faladas na Irlanda. Então, é narrado que, em várias ocasiões, o próprio rei foi o intérprete de Aidan em viagens e pregações, já que esse último não falava a língua local⁴⁴. Isso pode denotar a estima que o monarca tinha para com esse clérigo.

No capítulo XXV do livro III de *Historia Ecclesiastica*, que trata do Sínodo de Whitby e da controvérsia da Páscoa, encontram-se mais detalhes sobre a percepção de Beda sobre Aidan. É descrito que os cristãos romanos adotavam um cálculo da Páscoa diferente dos monges de Iona. Em vez de impor um dia para a celebração da Páscoa, Aidan autorizou que duas Páscoas fossem realizadas anualmente, uma conforme a data romana e a outra com a de Columba. A esquivia de Aidan em adentrar em qualquer debate teológico foi justificada por Beda⁴⁵ pela obrigação que ele tinha de manter os costumes daqueles que o enviaram, ou seja, Iona, complementando, ainda, que ele constantemente trabalhou para cultivar a fé, a piedade e o amor, que era o costume de todos os santos (*juxta morem omnibus sanctis consuetum*). Como era o costume de todos os santos, frase que intitula esse trabalho, é importante por ressaltar o que, na visão de Beda, constituía a santidade: trabalho, fé, piedade, amor. Beda, partidário da data romana, afirmou que Aidan foi perdoado por permitir que a Páscoa fosse celebrada duas vezes no ano devido às suas obras e à sua santidade. Beda ressalta que ele era admirado mesmo pelos membros da igreja romana que discordavam de algumas de suas práticas (como Honório de Canterbury ou Félix de Ânglia Oriental⁴⁶).

Aidan faleceu em 651. O sucessor no bispado de Lindisfarne até o ano de 661 foi Finan, seguido de Colman, bispo de 661 até o ano de 664. De ambos os clérigos, pouco se sabe fora da narrativa do Sínodo de Whitby. De acordo com Woods⁴⁷, a descrição de Finan feita por Beda é complexa. Diferentemente de Aidan, relatado como um monge

⁴³ BROWN, *op. cit.*, p.111.

⁴⁴ BEDA, *op. cit.*, III, III.

⁴⁵ BEDA, *op. cit.*, III, XXV.

⁴⁶ BEDA, *ibidem*.

⁴⁷ WOODS, *op. cit.*, p. 46.

venerado e admirado, Finan é descrito como hostil, cujo comportamento colérico, sobretudo em relação à datação da Páscoa, era reprovável. Segundo Beda⁴⁸, Finan era um “opositor da verdade” (*veritatis adversarium reddidit*) e um homem de temperamento violento, razão pela qual Ronan, um irlandês instruído na Gália ou na Itália⁴⁹, apesar de ter instigado alguns a procurarem a “verdade” sobre a datação da Páscoa, não conseguiu se sobrepor a ele. Portanto, uma das poucas menções de Beda a Finan refere-se a aspectos não admiráveis em um monge, como a cólera, a hostilidade e ser um “opositor da verdade”, contrário àquilo que era ressaltado como aspectos positivos em Aidan, descrito como um asceta ponderado e justo. Uma das diferenças que se depreende da narrativa de Beda é que Aidan era mais flexível em relação a outras manifestações cristãs, como a romana, apesar de a narrativa de Beda afirmar que, tanto no bispado de Aidan quanto no de Finan, a Páscoa era celebrada duas vezes ao ano.

Após Finan, Colman (605–675) se tornou o bispo de Lindisfarne. Apesar das poucas menções sobre ele, não há nada que o desabone em *Historia Ecclesiastica*. De acordo com a narrativa de Beda⁵⁰, Colman esteve presente no Sínodo de Whitby, de 664, e defendeu o método de cálculo da data da Páscoa de Columba contra Wilfrid, o representante romano na ocasião. Após a derrota insular proferida pelo rei Oswiu na ocasião sinodal, Beda afirma que Colman decidiu retornar para Iona com aqueles que não aceitaram a decisão em favor dos cristãos romanos.

Segundo Beda⁵¹, Colman era um homem bom e religioso que, tanto por palavras quanto por ações, instruiu diligentemente a *Britannia* em matéria de “fé e de verdade”, mas foi bispo por um período muito curto. Antes de partir, em consonância com aqueles que decidiram por permanecer em Lindisfarne (e, por conseguinte, se submeterem à igreja romana), Colman pediu ao rei Oswiu que aceitasse Eata, um dos discípulos de Aidan, como bispo de Lindisfarne. O autor afirma que o rei acatou o pedido por estima a Colman, denotando, uma vez mais, respeito aos cristãos de Iona, mesmo pelo monarca que deu preferência para a tradição romana no âmbito do Sínodo de Whitby⁵².

⁴⁸ BEDA, *op. cit.*, III, XXV.

⁴⁹ O destaque para o fato de Ronan ser instruído fora das Ilhas Britânicas denota uma conformidade com a igreja romana, e não com outra vertente irlandesa

⁵⁰ BEDA, *op. cit.*, III, XXV.

⁵¹ BEDA, *op. cit.*, III, XXVI.

⁵² A narrativa tenta transparecer respeito por parte do rei após o Sínodo. Mas, aquela era em uma situação, na qual os clérigos de Iona que não aceitassem se submeter à normativa romana, estavam sendo substituídos. É importante ressaltar que, segundo Beda (*op. cit.*, III, XXV) o Sínodo de Whitby teve a

Além das descrições desses bispos, as diferenças no modo de vida ascético dos insulares e dos romanos podem ser entrevistadas quando Beda⁵³ narra o estado da sede do bispado de Lindisfarne, após a saída de Colman e sua comitiva. Ele afirmou haver uma igreja, poucas casas simples e algum gado. O autor ressalta que eles não tinham dinheiro algum, já que tudo que recebiam era revertido em doações. Mesmo as visitas reais, segundo Beda, não se demoravam ali: caso fosse preciso ficar para alguma refeição, contentavam-se com a comida simples que lhes serviam e partiam, já que aquele era um local onde “se alimentava a alma, e não o ventre”. Para Beda, viver nessas condições fazia com que esses monges estivessem mais próximos da santidade e, assim, atraíssem tantas pessoas por onde passavam durante as suas pregações. Ainda conforme Beda, esses insulares eram “purificados da avareza”, a ponto de apenas aceitarem terras para construção de mosteiros se fossem compelidos por autoridades temporais.

A partir das asserções tratadas acima, é possível perceber que Beda, no âmbito de sua narrativa, demonstrou respeito e admiração pelos missionários cristãos das igrejas da Irlanda. A partir desse exemplo, é possível notar que processos transnacionais não implicam, necessariamente, em conflitos. Também existem negociações e ajustes. Nesse caso, práticas irlandesas e as dos clérigos de Iona passam a ser admiradas e tomadas como exemplos a serem seguidos.

Entretanto, a obra *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*, evidentemente, partia do pressuposto de que a fé mais correta era a da igreja romana, por isso, vários atos que os favoreciam não foram colocados em evidência ou questionados por Beda, como a “substituição” de Colman do bispado de Lindisfarne, junto com os que não aceitaram a normativa romana após o Sínodo de Whitby. Esse processo também pode ser lido como uma “expulsão”, já que a decisão régia era irrevogável. Esse é um exemplo de que, em obras com um fundo teológico, como *Historia Ecclesiastica gentis Anglorum*, o processo histórico pode ser apreendido por meio das entrelinhas e interpretações do que foi ou não registrado.

convocação e o decreto final em favor da igreja romana proferido pelo rei Oswiu. É consenso entre vários autores de que essa decisão régia tenha se dado em função de questões políticas, como a abertura da Nortúmbria para uma instituição maior e com mais contatos com o continente e a diminuição de conflitos entre os cristãos nos vastos territórios da *Britannia* dos quais esse rei era soberano (cf. GENET, Jean-Phillipe. *Les îles Britanniques au Moyen Âge* (1485-1783). Strasbourg: Hachette, 2005, p.37; ORR, Rodney H.; SHANE, Angland. Easter Celebration in Seventh-Century Britain: Resolving Conflict within the Church. *Southwestern Journal of Theology*, v. 57, n. 2, 2015, p.261). Logo, isso significa que, por parte do rei, a opção pelos romanos pode ter sido mais por conveniência política do que uma opção doutrinária.

⁵³ BEDA, *op. cit.*, III, XXVI.

O intuito desta seção foi demonstrar como o autor caracterizou alguns nomes do cristianismo de Iona na Nortúmbria. À exceção de Finan, Aidan e Colman foram elogiados. Isso denota o quanto Beda poderia associar penitências, sacrifícios corporais e condições de vida simples a uma maior santificação. Ele fez desses clérigos merecedores de respeito, mesmo que algumas práticas não coadunassem com as suas próprias. A admiração suscitada no autor em relação a um ascetismo mais rigoroso (se comparado aos romanos) denota os intercâmbios que passaram a ser feitos com os cristãos insulares, os quais incentivavam os cristãos romanos a adotarem comportamentos mais “rigorosos” a fim de alcançar maior conexão com a divindade e status religioso e social. Isso denota como processos transnacionais podem modificar o contexto daquele que os recebe. Assim, as missões itinerantes de evangelização da Irlanda indicam que a *Britannia* se tornou um espaço de trocas e conexões de crenças.

Por meio da narrativa de Beda, é possível entrever que os preceitos monásticos insulares impactaram na *Britannia*, sendo essa forma religiosa um elemento que conectou ambas as localidades, ora por meio de conflitos, como o Sínodo de Whitby, que teve apenas um vencedor, ora por meio de elementos que suscitavam admiração e incentivavam a adoção de outros comportamentos.

Considerações finais.

Beda considerava Aidan um homem santo e expressava-lhe admiração em função da caridade (afirmando que ele doava tudo o que recebia dos ricos) ou dos sacrifícios (a exemplo das moradias precárias na sede de Lindisfarne). Para Beda, quanto mais exacerbadas eram as práticas ascéticas, os jejuns, as privações e a perseverança em viver uma vida de oração e contemplação, mais próximo estava o clérigo da santidade.

Entre os cristãos insulares presentes na Nortúmbria até o Sínodo de Whitby, apenas dois receberam críticas e um tratamento pejorativo por parte de Beda: o clérigo (não nomeado) que antecedeu Aidan, e Finan. O primeiro foi considerado alguém impaciente e despreparado para os desafios a serem enfrentados na *Britannia*. Isso é evidenciado no comentário de Beda atribuído a Aidan, de que esse último considerou o antecessor muito rigoroso com os “ouvintes ignorantes” da Ilha, afirmando ser preciso “alimentá-los suavemente” com o cristianismo. Finan, por sua vez, é descrito como alguém rude e agressivo, sobretudo, segundo Beda, quando argumentavam em relação à data da Páscoa.

Por meio de tais narrativas, é possível perceber que a distinção entre os cristianismos na *Britannia* do século VII é eclipsada por um processo de fluidez, no qual denotam-se mais zonas de permeabilidade do que fronteiras solidamente constituídas. Assim, por meio de *Historia Ecclesiastica*, foi possível depreender a existência de um elemento que conectou dois locais: a fé cristã. As descrições de Beda se referem à presença de clérigos que foram da Irlanda para a *Britannia*, como Aidan, Colman e Finan, que se tornaram bispos, ou seja, figuras de autoridade. O fluxo de missionários de Iona para a *Britannia* trouxe consigo processos de conexões entre diferentes espaços, ocasionando conflitos e intercâmbios. Como seria possível, por exemplo, compreender o conflito do Sínodo de Whitby sem saber as diferenças que eram discutidas? A aceitação em participar do mesmo rito sinodal, ainda que impelidos por forças régias (já que o rei convocou e decretou o veredito da ocasião), denota zonas de fluidez, de religiosidades que acreditavam ter um mesmo ponto de intersecção: a fé em Cristo.

A compreensão das diferenças socioculturais é fundamental para o entendimento de processos fluidos. Primeiramente, o cristianismo de Columba aportou na Nortúmbria, possivelmente, por motivações políticas, seja retribuindo o reino hospedeiro que acolheu Oswald no exílio e o auxiliou a retomar o poder, seja tentando angariar fidelidade dos súditos por meio de um cristianismo distinto da frente romana instalada no Sul da *Britannia*. Apesar da mudança de rota e o início do apoio dos clérigos romanos por Oswiu, o irmão de Oswald, pode-se depreender que a fé cristã foi o elemento que, por muitos anos, conectou ambas as localidades. Nesse período, a história da *Britannia* seria incompleta se não fossem reportadas as formas cristãs irlandesas, insulares e os nomes a elas associados.

Assim, depreende-se a existência de um processo de fluidez que transcendeu as fronteiras de reinos e impactou a dinâmica social. Esse fenômeno esteve relacionado com a mobilidade de pessoas da Irlanda para a *Britannia* e a circulação de ideias em espaços distintos. Assim, a partir da fonte abordada, infere-se que tanto os aspectos admiráveis quanto os conflitos que eram inegociáveis estavam envoltos pelo elemento da fé em Cristo, o qual, ainda que expresso em formas monacais distintas, conectava a *Britannia*, a Irlanda e a região em torno desses locais, podendo ser considerado, nesse contexto, um elemento relacionado com a transnacionalidade.

Logo, pode-se depreender que as palavras elogiosas ou que demonstram respeito e admiração por parte de Beda, representante de um dos braços monásticos romanos, para

com clérigos de cristianismos concorrentes, pode ter se dado em função de processos transnacionais. Nesse âmbito, há fortes indícios de que cristianismos de locais distintos, como os da Irlanda ou de Iona, impactaram na forma como religiosos de uma frente monástica romana, como Beda, pensavam temas como a disciplina, a caridade, a humildade e a santidade.

Uma vez que, dos clérigos de Iona, são exaltados aspectos de uma disciplina exacerbada, que levava pessoas a martirizarem os seus corpos a extremos de desconforto (vide a descrição das celas dos monges em Lindisfarne, que consistiam apenas de chão batido, os jejuns severos ou as refeições extremamente simples), ou uma caridade excessiva (que não permitia posse alguma), depreende-se que esses comportamentos poderiam se tornar “modelos ideais” a serem atingidos para se buscar uma maior santificação, pureza, retidão moral e espiritual. Do que se depreende das descrições de Beda, não era comum entre a frente romana tais comportamentos, por isso os elogios serem tão contundentes. Potencialmente, pode-se pensar que isso pode ter impactado na forma como o cristianismo romano pensava o seu próprio fazer cristão e meios de atingir uma maior santidade. Portanto, essa é a razão pela qual defende-se que esse processo de mobilidade e migração de um cristianismo de Iona para a *Britannia*, por meio dos religiosos dos mosteiros de Columba, pode ser um elemento de um processo transnacional, de cristianismos que ultrapassaram a barreira geográfica de onde foram elaborados, a ilha de Iona, e impactaram um outro local, a Nortúmbria, na *Britannia* do século VII.

